

A CONDIÇÃO FEMININA EM UM VIÉS HISTÓRICO-CULTURAL

Gilson Xavier de Azevedo¹
Robson Pedro Veras²
Carolina Teles Lemos³

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre alguns aspectos e momentos da história social das mulheres dentro de um contexto religioso, compreendendo a cultura grega, romana, católica, protestante e moderna. Alguns referenciais selecionados permitiram olhares rápidos e específicos dessa condição, focando sobremaneira os momentos em que sua dimensão social está mais em voga. A história social das mulheres é sempre um legado de dominação que advém da religião, força masculina e do progresso histórico. Recorrendo a autores variados, espera-se poder contribuir com a compreensão do papel e da presença das mulheres dentro do viés proposto.

Palavras-chave: Mulheres. Cultura. Religião. Sociedade. História de exclusão social.

Abstract: The purpose of this article is to reflect on some aspects and moments of the social history of women within a religious context, comprising Greek, Roman, Catholic, Protestant and modern culture. Some selected references allowed quick and specific glances of this condition, focusing especially on the moments in which its social dimension is more in vogue.

¹ Doutor em Ciências da Religião pela PUC-GO (2014-2016-BOLSISTA FAPEG). Mestre em Ciências da Religião pela PUC-GO (2014 - BOLSISTA FAPEG). Filósofo (Dom Felício, 1998/FAEME, 2007), Pedagogo (UVA-ACARAÚ, 2004) e Teólogo (FAETEL, 2002/MACKENZIE, 2006), Pós-graduado em Administração Escolar e Coordenação Pedagógica (UVA-RJ, 2006), Ética e cidadania (UFG, 2012) e Filosofia Clínica (Inst. Packter/PUC, 2013). Professor Titular de Filosofia do Direito e Filosofia Empresarial pela FAQUI (desde 2006); Ex-Coordenador do curso de Pedagogia da UEG Quirinópolis (2011-12). (gilsoneduc@yahoo.com.br).

² Possui graduação em filosofia (IESCO) e pedagogia (UCB). Especialista em filosofia da educação (UNISINOS). Mestre em Ciência da Religião (PUC-GO), e Doutor em Filosofia (PUC-SP). Atualmente é professor do Centro Universitário do Centro Oeste – UNIDESC e de outras Instituições de Ensino Superior (robson.veras@unidesc.edu.br / robsonpedroveras@gmail.com).

³ Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Umuarama (1989), mestrado em Ciências Sociais e da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1994) e doutorado em Ciências Sociais e da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1998). Atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: religião, gênero, catolicismo, tradições culturais e práticas de religiosidade popular (cetelemos@uol.com.br).

Recebido em 26/02/2019
Aprovado em 31/03/2019

The social history of women is always a legacy of domination that comes from religion, masculine strength, and historical progress. Using a variety of authors, it is hoped to contribute to understanding the role and presence of women within the proposed bias.

Key words: Women. Culture. Religion. Society. History of social exclusion.

INTRODUÇÃO

A presença das mulheres na história reflete um passado bem distante que as levou à condição relegada e marginal na própria história. Neste sentido, a pré-história é caracterizada justamente pela inexistência de documentos escritos, o que dificulta conhecer ao certo o papel da mulher no período pré-histórico. O que se sabe, é que a figura feminina tinha um enorme peso nas sociedades de todo o mundo. Não eram sociedades matriarcais, e sim matricêntricas, pois a mulher não dominava, mas as sociedades eram centradas nela por causa da fertilidade.

Para Khoury:

Considerando a história um processo de disputas entre forças sociais, envolvendo valores e sentimentos, tanto quanto interesses, e dispostos a pensar e avaliar a vida cotidiana em sua dimensão histórica, a ponderar sobre os significados políticos das desigualdades sociais, nossas atenções se voltam para modos como os processos sociais criam significações e como essas interferem na própria história. Nesse sentido é que entendemos e lidamos com cultura como todo um modo de vida.⁴

Para existir socialmente na história, as mulheres encarnaram papéis quase sempre de coadjuvantes, perfazendo-se nos cuidados dispensados aos filhos, aos maridos, aos deuses, aos idosos, às crianças e à religião. Nesse contexto, pretende-se discorrer um pouco sobre essas e outras conotações histórico-sociais.

1 DEUSAS GREGAS E O ARQUÉTIPO DO FEMININO

A presença religiosa das mulheres se mistura facilmente com a história social da mulher, sobretudo, em culturas em que as mulheres assumem uma função de destaque em sua sociedade. Dentro da cultura grega, a representação da feminilidade nem sempre coincidia com a representação social que se fazia das mulheres em tal contexto. De um modo geral os autores

4 KHOURY, Y. A. Muitas memória, outras histórias: cultura e o sujeito na História, em IDEM (org.). Muitas Memórias, outras Histórias, São Paulo: Olho d'Água, 2004, p.117.

gregos rejeitavam a ideia da mulher mãe, sobrevalorizando o conceito de feminidade associado à ideia de deusas protetoras.

Para Pedro⁵ a História social das mulheres é um campo de estudo da História e da Sociologia que produz uma crítica à visão da história dominante, predominantemente masculina, que, criada nessas condições, reflete uma diferença social.

Para Louraux⁶ embora dentro dos monoteísmos, Deus tenha sempre tomado uma posição machista, as deusas seriam então comuns dentro do politeísmo de modo geral. Os estoicos se interrogavam sobre qual seria o real sexo dos deuses. Para eles, existe um só deus, seus nomes variam segundo os atos e funções, de modo que as potências ou forças da natureza são masculinas e femininas.

As mulheres dentro do campo social são consideradas atores na família, no trabalho e na vida pública. Ainda que não seja talvez tão explícita quanto se poderia desejar, quando coloca seu problema em termos históricos gerais, a ambição está presente assim como os dados que a sustentam⁷.

Deste modo, deuses e deusas se inserem na generalidade do divino, porém ao se falar de deuses, fala-se de homens, seres masculinos no geral. Nas grandes guerras titânicas descritas por Hesíodo, os deuses e deusas vão junto à guerra, o que poderia indicar que não há diferenciação entre tais gêneros, e que socialmente as deusas teriam certa importância⁸.

Segundo Tilly⁹ as mulheres assumiam um papel público e ativo nas seitas; o papel protetor e de resistência da religião das cabanas nas cidades industriais, em que a ideologia doméstica se associava assim aos valores rurais e à independência diante da nova sociedade vitoriana.

5 PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica, História (São Paulo), UNESP, vol. 24, n. 1, 2005.

6 LOURAU, Nicole. O que é a deusa? In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente, v.1. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. p. 34.

7 TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social, in Cadernos Pagu, n. 3, Campinas, 1994, pp. 29-62. p. 56.

8 LOURAU, Nicole. O que é a deusa? In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente, v.1. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. p. 36.

9 TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social, in Cadernos Pagu, n. 3, Campinas, 1994, pp. 29-62. p. 64.

Não é inútil lembrar que deus se diz *theós*, e deusa se diz *theá*. Atena por exemplo é designada *Hê Thêos* o "Eu" para alguns atenienses era motivo de chacota o fato de um deus ter nascido mulher, configurando uma ideia social da mulher como fraca e incapaz.

A deusa Afrodite, por exemplo, ao se apaixonar por Anquises, assume a forma humana de uma virgem para conquistá-lo e mesmo assim, é questionada como aparentando ser uma deusa. Neste sentido, há que se inferir que as mulheres gregas, sobretudo as mais velhas, tinham certa queda pelos jovens, escondendo inclusive sua condição sapiencial apenas para conquistá-los.

Para Vernant, a condição feminina é bastante distante da realidade masculina, mesmo no caso das deusas. Desse modo, embora as contribuições das divindades femininas sejam muitas, em muitos casos permanecem subjugados e relegados seus poderes.

No tocante às idades da mulher, a deusa Hera encarnaria a figura da maturidade da esposa e a virgindade da jovem. Há de se lembrar de que na Idade média, bem mais tarde, a virgindade das feiticeiras era o argumento mínimo para serem condenadas à morte.

Dentro do exposto, Ártemis e Héstia seriam sempre virgens, como se isso lhes atribuísse uma força ainda maior frente ao masculino. Louraux¹⁰ nos informa que elas são as *pathernoi*, ou seja, guerreiras, virgens, repletas de magia e astúcia, caçadoras selvagens, protetoras dos partos e guardiãs do lar, da casa e da cidade.

Neste contexto, dizer que uma mortal se parecia com uma deusa era cobrir-lhe de esplendor. Em geral, apenas mulheres fortes, belas e determinadas socialmente, gozavam de tal status. Na obra *Ilíada* de Homero, a questão de aliar as características citadas à figura de uma mulher, frequentemente, acabava por provocar problemas sociais graves como foi o caso da Guerra de Troia.

Segundo Oliveira¹¹ desde menina, era ensinado à mulher ser mãe e esposa, sua educação limitava-se a aprender a cozinhar, bordar, costurar, tarefas estritamente domésticas, que a restringiam apenas ao espaço privado como sendo o único lugar, e sem contestar, pois seu espaço estava determinado. Carregava o estigma da fragilidade, da pouca inteligência,

10 LOURAU, Nicole. O que é a deusa? In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente, v.1. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. p. 40.

11 OLIVEIRA, Lilian Sarat de. Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX: nos caminhos da civilização. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Oliveira3.pdf. Acesso em 25 Mar. 2014. p. 2.

afirmações do patriarcado que construiu estereótipos ao longo do processo histórico, os quais foram sendo reproduzidos como naturais, definindo assim o papel social da mulher, como propriedade e produto do homem, que por sua vez, devia obediência ao “seu senhor”.

De outro modo, Hera, irmã e esposa de Zeus, o que na cultura grega era comum embora fosse incesto, não o era entre os deuses, o que pode indicar que na sociedade grega esta era uma cultura comum entre os poderosos da cidade, assim, Hera, por vezes, detinha seu poder por concessão de Zeus, mas em alguns momentos o fazia por deliberação própria. O curioso, por exemplo, é ser protetora do casamento, estando casada com o próprio irmão.

Assim, sob o nome de deusas, eram designadas as deusas do Olimpo. Somente seriam deusas se fossem imortais. Todavia, há que se paralelizar o dito na posição de Vernant que afirma serem tais divindades, potências e não pessoas. Há, portanto que se separem deusas de divindades ou conforme Louraux¹² “deusas individuais e o divino no feminino”.

Na história dos deuses gregos, a deusa funciona com uma generalidade. Não de um todo, mas enquanto atribuições positivas à figura do feminino divino. Pandora, por exemplo, carrega uma caixa, que embora contenha esperança, doce sonho ilusório humano, essa, está cheia de males. Geia precede a noite, ela está logo após os abismos e dá à luz Urano o céu, seu igual companheiro, o que indica também preferência de mulheres fortes na Grécia pelos próprios filhos. Segundo Louraux:

Nas duas primeiras gerações, as mães têm todo o poder, quando, como Geia ou Reia, protegem o filho contra a vingança do pai; mas sabem que com Hera o processo se extingue. [...] dessa narrativa que tem decerto como fim último excluir as mães, não instalando de início a plenitude do seu poder senão para mais facilmente desposar dele.¹³

A ideia da mãe solitária era comum na Grécia, de modo que era comum às mães, ainda muito cedo, desposarem seus filhos como forma de torná-los experientes vai dizer Louraux¹⁴.

2 A MULHER SÁBIA NO CONTEXTO GREGO

12 LOURAU, Nicole. O que é a deusa? In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente, v.1. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. p. 47.

13 Idem, p. 64.

14 Idem, p. 66.

Na cultura grega clássica era em definitivo vetado às mulheres receber educação ou formação filosófica, de *Trívium* ou *Quadrívium*. As mulheres são penetráveis, o que as desqualifica da política e da prática religiosa oficial. Para Giulia Sissa¹⁵ as mulheres encarnam certa acessibilidade e permeabilidade quase sem resistência à verdade o que, de certo modo, mostra-se coerente com seu dom corporal de acolher e receber em si.

Ao longo da história da emancipação feminina é possível pensar que a educação e a religião são fatores importantes que contribuíram para a evolução e progresso da mulher brasileira na busca do seu espaço social. Esta história não foi feita sem tensões e conflitos.¹⁶

Quem constrói uma visão diferente disso é Platão em *O Banquete*, em que uma mulher é quem formula no diálogo a ideia de amor. A mulher pode até erotizar-se na conquista, mas quando se torna mãe, torna-se sábia e controlada. Isso é pensado ao extremo de Platão vincular a atividade de uma sábia, de uma parteira grega, ao ofício de um filósofo, pois ambos realizam a tarefa de trazer a *psique* à luz. A *Maiêutica* elimina aquilo que obstrui opiniões falsas, ignorância. Neste contexto, por meio do paradigma do parto, Platão faz eclodir uma imagem do feminino que apenas terá similaridade com a da deusa. Para ele, a sociedade não ascende à condição superior proposta em *A República*, pelo fato de as *Psiques* estarem prenhas, porém presas na própria ignorância¹⁷. Segundo Macedo:

A atitude de desprezo dos homens pelas mulheres, consideradas ao mesmo tempo perigosas e frágeis, era justificada por todos os meios, até pela etimologia da palavra que as designava. Para os pensadores da época, a palavra latina que designava o sexo masculino, *Vir*, lembrava-lhes *Virtus*, isto é, força, retidão, enquanto *Mulier*, o termo que designava o sexo feminino lembrava *Mollitia*, relacionada à fraqueza, à flexibilidade, à simulação.¹⁸

Não para menos, a música composta por Chico Buarque, nos trás uma boa perspectiva do imaginário sobre o papel social da mulher comum em Atenas, no período Clássico.

15 SISSA, Giulia. Filosofias de gênero: Platão, Aristóteles e as diferenças de sexo. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente, v.1. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. p. 90.

16 OLIVEIRA, Lilian Sarat de. Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX: nos caminhos da civilização. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Oliveira3.pdf>. Acesso em 25 Mar. 2014. p. 4.

17 SISSA, Giulia. Filosofias de gênero: Platão, Aristóteles e as diferenças de sexo. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente, v.1. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. p. 84.

18 MACEDO, José Rivair. A mulher na Idade Média. São Paulo: Contexto, 1999. p. 21.

Mirem-se no exemplo /Daquelas mulheres de Atenas /Vivem pros seus maridos Orgulho e raça de Atenas / Quando amadas, se perfumam Se banham com leite, se arrumam Suas melenas /Quando fustigadas não choram Se ajoelham, pedem imploram Mais duras penas; cadenas/ Mirem-se no exemplo /Daquelas mulheres de Atenas Sofrem pros seus maridos Poder e força de Atenas / Quando eles embarcam soldados /Elas tecem longos bordados /Mil quarentenas /E quando eles voltam, sedentos /Querem arrancar, violentos /Carícias plenas, obscenas / Mirem-se no exemplo Daquelas mulheres de Atenas /Despem-se pros maridos Bravos guerreiros de Atenas / Quando eles se entopem de vinho /Costumam buscar um carinho /De outras falenas /Mas no fim da noite, aos pedaços /Quase sempre voltam pros braços /De suas pequenas, Helenas / Mirem-se no exemplo /Daquelas mulheres de Atenas: Geram pros seus maridos /Os novos filhos de Atenas / Elas não têm gosto ou vontade /Nem defeito, nem qualidade /Têm medo apenas /Não tem sonhos, só tem presságios / O seu homem, mares, naufrágios /Lindas sirenas, morenas / Mirem-se no exemplo Daquelas mulheres de Atenas /Temem por seus maridos Heróis e amantes de Atenas As jovens viúvas marcadas / E as gestantes abandonadas /Não fazem cenas /Vestem-se de negro, se encolhem /Se conformam e se recolhem Às suas novenas, serenas / Mirem-se no exemplo /Daquelas mulheres de Atenas /Secam por seus maridos /Orgulho e raça de Atenas.¹⁹

A ideia de submissão está em todo o conteúdo da música, não havendo possibilidade de sobressaírem à sua condição sócio-histórica.

De um modo bem geral, a cultura grega expressa em vasos e objetos variados traz estampada a presença feminina nos rituais de mulheres que vão desde o casamento até funeral. Na maioria dos casos, porém, tais imagens não estão vinculadas a uma festa específica, sendo então, expressões da celebração do feminino como presença constante em tais momentos rituais.

Em uma fíala datada de 460 a.C., estão mulheres dançando ou oferecendo libação a um deus, por meio do fogo. Nota-se, na imagem, um cesto cheio de ífulas de lã, situação em que era comum, durante a tecelagem, elas cantarem e dançarem conforme se vê abaixo, algo que também pode ser encontrado na cultura das lavadeiras no Brasil:

19 BUARQUE. C. Mulheres de Atenas. Música. Disponível em: <<http://letras.mus.br/chico-buarque/45150/>>. Acesso em: 03 Jun 2014.



Figura 01: Coros femininos (460 a.C.). Fíala de fundo branco.
Fonte: (SISSA, 1990, p. 84)

Também em outras peças fica evidente o papel religioso das mulheres bem como sua posição social como em *Os jardins de Adônis* (390 a.C.) em que se notam gestos rituais ligados à festa de Adoníades. Em a *Dança em redor da pilastra de Dionísio* (490 a.C.) cada mulher que aparece está prestando uma forma de culto ao deus do vinho. E assim, inúmeras outras imagens que ilustram ter a mulher um papel ritual importante dentro da cultura grega e por vezes relegado ao afastamento social, já que não se vê nestas imagens, a presença masculina, não raro, em contextos onde o homem estaria apenas como ser ritualizado em mesma proporção, já que as mulheres não podiam ir a festas sem a presença do marido.

Deste modo, as mulheres gozavam de certa cidadania ritual²⁰, porém estão excluídas dos sacrifícios sangrentos, cerne da prática sacrificial entre os gregos, o que expressa sua exclusão da vida política e cívica das Cidades-Estados. Nos banquetes rituais praticados na vida pública de tais cidades, elas não são co-comedoras da carne dos deuses, apenas nas grandes festas podiam sair às ruas.

O sacerdócio feminino expresso em mulheres como Atena Políade está no primeiro escalão sacerdotal. Sua escolha de objetos e colheitas para os deuses é soberana. Tal como os

20 ZAIDMAN, Louise Bruit. As fi lhas de Pandora mulheres e ritual. In DUBY, Georg; PERROT, Michelle (org). A história das mulheres no Ocidente . Porto: Afrontamento, 1990. p.411.

sacerdotes, são eleitas anualmente para presidir sacrifícios, devendo também apresentar contas ao final de um ano. No entanto, sendo escolhida ou por eleição ou por sorte, isso é feito por homens que privilegiam a sensualidade e a feminilidade²¹.

Assim, embora as mulheres pudessem ser sacerdotisas, não podiam sacrificar animais por serem seres que biologicamente dão a vida e portanto, não poderiam ao oferecer, tiá-la. Escolhidas pelo critério de pureza e respeitabilidade, situavam-se num contexto equivalente a tal exigência. Em geral, cuidavam apenas dos rituais ligados a santuários, pequenas libações, sobretudo aos deuses homens, por crerem que esses se agradariam mais pelo fato da oferenda ser apresentada por uma bela mulher.

No diálogo Fedro, aparecem a profetiza de Delfos, as sacerdotisas de Dodona e Sibila. A prática da adivinhação era, portanto um diferencial entre as sacerdotisas, dando-se uma condição ainda mais separada da convivência social. O entusiasmo de que é tomada Píthia, a sacerdotisa de Delfos, deixava a todos perplexos ante a tal veneração e sintonia divina. Assim, pode-se notar que a presença feminina é sempre uma presença relegada à condição masculina, mesmo quando as mulheres de Atenas e demais Cidades-Estados têm um papel de protagonistas da fé ritual.

3 O PAPEL RITUAL EM ROMA E NO SEIO DA IGREJA CRISTÃ

Para John Scheid²² as mulheres eram excluídas por completo da vida religiosa pública ou privada. Quando exerciam alguma função religiosa faziam isso à noite, às portas fechadas e em geral, em santuários afastados das grandes metrópoles.

No contexto romano, quanto mais era marginal e escapava do *paterfamilias* ou marido, mais possuía atributos religiosos. Deste modo, a viúva que se casasse logo deveria imolar uma vaca preta em agradecimento a Afrodite. A atração das mulheres por superstições tinha lugar na literatura romana, além das referências às superstições de velhas senhoras. Para Macedo:

Entre os romanos, ao menos no período do Império, prevaleceu a ideia da 'inferioridade natural' das mulheres. Foram excluídas das funções públicas, políticas e administrativas. Suas relações limitavam-se à *domus*, a casa, governada pelo pai, pelo marido ou pelo sogro. A liberdade dependia da posição que ela ocupava na sociedade. Entretanto, até mesmo quando era

21 Idem, p. 456.

22 SCHEID, Jhon. Os papéis das mulheres em Roma. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente, v.1. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. p. 488.

juridicamente livre, tinha a autonomia pessoal limitada pelos interesses da família.²³

Existiam ainda, inúmeras feiticeiras, mágicas e adivinhadoras, as quais estavam em todas as camadas sociais romanas, mas especialmente nas baixas e afastadas da sociedade urbana. Os cultos bacanais, em um dos bairros considerados marginais de Roma, tornaram-se famosos e escandalosos conforme menciona Scheid (1990, p. 490). Os rituais de Báquica ameaçavam a iniciação cívica dos jovens cidadãos romanos. As orgias sexuais induziam a testamentos, descasamentos e guerras pessoais, práticas terminantemente abusivas em relação ao direito romano.

Submetida e relegadas às tarefas marginais na religião romana, as mulheres eram indispensáveis ao culto. A esposa dava atendimento ao marido durante as cerimônias, elas eram as *rem divinam facere*, aquelas que levando e trazendo taças, jarros e vasos faziam o culto religioso acontecer.

Já na romanizada igreja cristã primitiva, as profetizas eram mulheres, em geral velhas ou viúvas, que eram objeto de assistência. Eram consideradas sábias e intercessoras e socialmente afastadas de calúnias, maledicências e falso testemunho. As viúvas, portanto, não recebendo ordenação, são instituídas para fazerem a oração por todos.

A figura religiosa feminina se sobressai um pouco no século III, quando algumas são eleitas diaconisas para o serviço do batismo de mulheres e seu ensinamento logo após o batismo. Mas, fora isso, elas só têm parte com os clérigos na distribuição de pães benzidos. Segundo Macedo:

Jacques le Goff, num estudo sobre os marginalizados no Ocidente Medieval, incluiu as mulheres na categoria dos ‘desprezados’ quer dizer, uma categoria até certo ponto integrada na sociedade, mas mal aceita ou vítima de preconceitos. No mesmo estudo, alguns grupos de mulheres foram considerados ‘marginais’. Os comportamentos ou atos desses grupos serviram de justificativa ideológica para a exclusão total das mulheres da sociedade.²⁴

Não era pedido que as mulheres ensinassem na Igreja, de modo que o Senhor ao ordenar 12 homens e nenhuma mulher, não só respeitou a cultura judaica como deixou claro qual fosse o serviço de cada gênero para sua igreja.

23 MACEDO, José Rivair. A mulher na Idade Média. São Paulo: Contexto, 1999. p. 9.

24 Idem, p. 59.

Durante a Idade Média, as mulheres tinham acesso a grande parte das profissões, assim como o direito à propriedade. Também era comum assumirem a chefia da família quando se tornavam viúvas. Há também registros de mulheres que estudaram nas universidades da época. Num antigo texto de Porfírio sobre o sacerdócio²⁵, Deus teria se afastado dos cargos eclesiásticos dado à presença de mulheres influentes sobre os mesmos. Assim, elas estão revestidas de tal poder que entre os padres fazem eleger ou afastar os que forem da vontade delas. Nota-se, aqui, alta influência religiosa das mulheres no seio da igreja cristã.

Ainda segundo Tilly²⁶ o lugar da atividade religiosa verdadeiramente popular era a casa onde as mudanças das gerações, das estações e individuais governavam a prática e a crença. Na idade feudal, a situação das sábias e viúvas de oração não melhorou muito. Segundo Dalarun²⁷ a criação dos mosteiros entrincheira os homens da religião e distancia terminantemente as mulheres. O clero desse período é invariavelmente misógino, ou avesso à presença feminina no culto.

A partir do século XII, na Europa, começa a surgir um movimento que considera as mulheres como inimigas devido ao fato dessas virem de Eva, aquela que envenena o primeiro pai da religião. Deste modo, a narração da Criação e da Queda, no Gênesis, pesa permanentemente sobre a visão medieval da mulher.

De acordo com Tilly²⁸ a partir de uma perspectiva religiosa, em decorrência de tantas transformações históricas, a conotação atribuída à mulher precisava modificar-se. Tal modificação deveria começar por “Eva”, representada por inúmeras mulheres consideradas como bruxas e diabólicas, por possuírem saberes, especialmente, saberes médicos, para “Maria”, modelo de mulher cultuado com veemência pela igreja, que denota pureza, amor materno e submissão.

25 SCHEID, Jhon. Os papéis das mulheres em Roma. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente, v.1. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. p. 548.

26 TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social, in Cadernos Pagu, n. 3, Campinas, 1994, p. 58.

27 DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente, v.2. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. p. 29.

28 TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social, in Cadernos Pagu, n. 3, Campinas, 1994, p. 69.

Acontece uma verdadeira reforma nos costumes de modo que as mulheres, sobretudo as menos religiosas, mais supersticiosas ou as beatas rezadeiras foram execradas da igreja²⁹. A mulher passa então a ser vista como fraca, inconstante, mas perniciosa em sua vontade.

Para Oliveira³⁰ a possibilidade de uma maior participação no espaço público se daria por meio da saída de casa para a escola, tal fato apresenta-se como um processo de resistência que se justifica pela profissionalização do magistério, abrindo as portas do mercado de trabalho para aquelas que queriam mais que educar seus próprios filhos, tornarem-se, então, professoras. Como professoras, poderiam gerir o próprio sustento, um passo a mais na emancipação feminina e, conseqüentemente, um modo de resistência à ordem vigente de dependência e subordinação ao homem.

Os séculos que sucederam a Revolução industrial e o Iluminismo foram épocas tenebrosas até certo ponto, para as mulheres que rezam, pois relegadas ao abandono social, refugiavam-se nas florestas e ali tiravam sua cura e sustento de plantas e ervas variadas. Deste modo, mesmo em meio a muitas dificuldades as rezadeiras nunca deixam de existir e alimentam as mais variadas culturas.

4 MULHER, RELIGIÃO E REDEFINIÇÕES POLÍTICAS

O século XIX é marcado para as mulheres por uma redefinição não só política, mas estrutural para elas. A redefinição do público e privado traz para a cena mundial, além da separação de Estado e grandes industriais, a redefinição homem/ mulher como algo diferente, de modo que para Fraisse e Perrot “nem todo público é feminino, nem todo privado é masculino”³¹. As mulheres voltam à cena marcadas por uma característica determinante que foi a moda. Nesse aspecto o corpo da mulher é ao mesmo tempo público e privado. Assim, desde a produção, o consumo e o vestuário, tudo passou a dizer respeito também às mulheres.

29 DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente, v.2. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. p. 37.

30 OLIVEIRA, Lilian Sarat de. Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX: nos caminhos da civilização. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Oliveira3.pdf>. Acesso em 25 Mar. 2014. p. 3.

31 FRAISSE, Geneviève. Corpo e corações. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente, v.4. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. p. 347.

Nesse sentido, Fraisse e Perrot (1990, p. 347) afirmam que o parto colocará a mulher de vez no centro das atenções e o nascimento torna-se-á assunto de Estado. Os médicos nesse contexto vão substituir em pouco, as parteiras, benzedeiras e abortadeiras. Ainda nesse contexto torna-se igualmente pública a figura da rapariga, cujo comércio é cada vez mais regulamentado. “Quaisquer que sejam os esforços masculinos para distinguir o quarto conjugal do bordel e da casa de passe, a interpenetração é frequente”³².

Por meio dos homens as doenças sexualmente transmissíveis passam do bordel para as casas, sendo apenas inicialmente tratadas por benzedeiras e depois com sulfas (antibióticos) pelos médicos.

A prostituta constitui para as próprias mulheres uma figura ambígua: objeto de receio, desprezo, mas também de compaixão e de solidariedade, imagem de uma liberdade fantasma ou, pelo contrário, o próprio símbolo da maior opressão. É em nome da pureza que se realiza – em Londres, em 1885 – uma das maiores concentrações de mulheres do século XIX, empurradas para a rua pela ignomínia lançada sobre o seu sexo.³³

De mesmo modo o advento do progresso trouxe às mulheres a solidão marcada pela diversidade de relacionamentos, viuvez e separações, além da luta pela independência social da mulher. O dinheiro, a vida social, os casos de violência, estupros, contratos de casamento, dotes, poderes de gestão econômica e doméstica e diversas outras situações marcam a mulher do XIX. “O incesto, a violação, a perseguição sexual no atelier ou na fábrica, a sedução forçada, a privação de alimentos, a pancada, revelam uma sujeição do corpo da mulher cuja amplitude é difícil de medir” (FRAISSE; PERROT, 1990, p. 349).³⁴

Todavia, as mulheres do século XIX são em sua maioria crentes ou ao menos piedosas, vendo o corpo como permissível e alma como em busca de uma santificação corpórea marcada por sucessivos partos e aleitamentos. O marco desse período é a devoção de mulheres católicas, benzedeiras e rezadeiras ao sagrado coração de Jesus.

Os hábitos religiosos subsistem durante mais tempo. Fica-se espantado perante a invenção que revelam quanto ao vestuário as novas congregações, então bastante numerosas. Uma minúcia inacreditável preside a escolha da touca, do véu, das faixas, da gola, do escapulário,

32 Idem, p. 348.

33 Ibidem.

34 Idem, p. 349.

das mangas e dos punhos, das cores e dos tecidos. O vestuário é símbolo místico, cada peça de roupa exprime o espírito de penitência. Numa época em que tantas mulheres não sabem ler, o hábito revela ainda, para além das palavras, uma instrução muito forte: exprime o corpo, os seus deveres e o seu destino³⁵.

Ainda Fraisse e Perrot³⁶ percebem que a mulher desse período é uma eterna doente, e cada etapa da vida da mulher é temível independente de qualquer patologia. O que atenuava isso, sobretudo em regiões menos populosas eram os chás e as rezas que benzedadeiras utilizavam. As condições de vida da mulher, nesses lugares, também contribuía para a fragilidade de sua saúde. As tais benzedadeiras levam mais em conta a situação social das mulheres que as procuravam que os próprios médicos da época.

O século XIX também compreende a figura da mulher em contextos religiosos muito específicos conforme se pretende tratar agora. Fraisse e Perrot³⁷ indicam que a mulher nesse século foi fabricada pelos preceitos e ritos religiosos que previa manter a maioria delas em certo limite de presença e posição do corpo. Em tal contexto, a simples aproximação da mulher não mais submissa já deixava teólogos pavorosos de medo.

Dentro do modelo católico europeu do século XIX, percebe-se, neste século, um progressivo afastamento da piedade e do seio das celebrações diárias, dando lugar a estes, as práticas devocionais residenciais e as superstições. O afastamento, o anticlericalismo estão prontamente presentes. A formalização pelos católicos de um contrapoder feminino que utiliza recursos sentimentais como corretivo moral nos confrontos com os homens é mais fácil na França que Itália, dado o poderio católico, ressalta Michela de Giorgio³⁸.

Com o surgimento da questão de Gênero a ideia negativa de corpo e sexualidade deixam de vez de povoar o pensamento católico sobre a presença da mulher na sociedade. Fala-se que Deus nesse período muda de sexo dada a influencia religiosa, sobretudo de mulheres nobres e ativistas feministas. “O atenuar da distinção nítida e antagônica entre mulheres católicas e não

35 Idem, p. 354.

36 Idem, p. 360.

37 Idem, p. 345.

38 GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Org.). História das mulheres no Ocidente História das mulheres no Ocidente História das mulheres no Ocidente História das mulheres no Ocidente História das mulheres no Ocidente: o século XIX. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 199.

católicas [prostitutas, solteiras e benzedoras] é um dos méritos desta identificação menos sumária” afirma Giorgio³⁹.

Mesmo com toda tentativa católica de contra-atacar o avanço da feminização da sociedade, essa misoginia apenas prevaleceu em países mais fortemente católicos, de modo que as jovens sonham com o amor proibido socialmente. A força das devoções à imaculada conceição permitem às jovens tomar consciência de seus desejos sem os assumir.

A mulher protestante por sua vez, situa-se em sua tipificação em uma ruptura não moral, mas devocional com o ideal católico. A mulher nesse sentido encontra-se inserida em um modelo patriarcal presente nos países protestantes. A visão luterana mostra-se ambivalente por dividir os papéis sociais de gênero e bloquear o acesso de mulheres a certas funções pastorais. “O papel quase pastoral de certas mulheres foi particularmente nítido no Novo Mundo, onde a procura considerável por prostitutas precedeu a vontade de prudência de que muitos partidários queriam fazer prova”⁴⁰.

O que há de inovador no seio protestante do século XIX é a possibilidade de mulheres de pastores se tornarem diaconisas, quase sempre ligada ao desenvolvimento da assistência social aos pobres. Em relação aos cuidados da saúde. Dificilmente se veria, a não ser em casos extremados, na presidência de um culto, não fosse doméstico. Desse modo, “o século XIX constitui um período de mutação para as mulheres protestantes. Em ligação com uma evolução geral, a sua condição muda notavelmente, ainda que não ao mesmo ritmo segundo os países, as classes sociais e as igrejas”⁴¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do que fora aqui exposto, pode-se referenciar a pesquisadora Tilly (1994, p. 54), segundo a qual, as mulheres observam o mundo social, religioso, político e dos negócios por meio de um olhar sensível às diferenças de gênero que mostra como os homens da classe média, que procuravam ser alguém, contar, enquanto indivíduos por causa da sua riqueza, sua

39 Idem, p. 202.

40 BAUBÉROT, Jean. Da mulher protestante. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente, v.4. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. p. 240.

41 Idem, p. 245.

capacidade de comando ou sua capacidade de influenciar os outros, eram, na realidade, dependentes do sustentáculo das redes femininas e familiares que apoiavam sua ascensão social. Deste modo, pode-se falar da história da mulher, como a história de tantas mulheres, história essa marcada pelo estabelecimento da ordem patriarcal que, em grande medida foi legitimada pela religião cristã ocidental, que transmitiu o silenciamento do feminino em todas as esferas sociais. A mulher do Brasil até aqui não tratado, formada e constituída socialmente nesta ordem, era subordinada e dependente do pai ou do marido, sendo feita propriedade do homem e calada por ele⁴².

Brasileiras ou não, o fato é que as mulheres ao longo da história assumem por ser obrigadas, um papel que lhes relega os cuidados menores sem, todavia poderem pisar como protagonistas da história e, neste caso, da história religiosa. Ainda conforme Oliveira⁴³ no século XIX, em meio às transformações legadas deste tempo histórico, decorrentes, sobretudo, da industrialização e urbanização presentes na Europa e Estados Unidos, ideias civilizadoras são fomentadas por grupos sociais que idealizavam a educação e a religião como estratégias na relação de poder, para estabelecer um comportamento social individual e coletivamente aceitável.

O lugar da mulher no espaço social no século XIX, como já aludido anteriormente, era determinado pelo patriarcalismo, deixando sua margem de decisão com pouca acessibilidade⁴⁴. Ainda para Oliveira⁴⁵ história da civilização das mulheres passa também pelos ideais iluministas e progressistas presentes no século XIX. A presença da mulher na esfera pública torna a ser vista como um avanço na perspectiva de progresso e melhoria da sociedade, a partir do paradigma da evolução.

Deste modo, a presença da mulher na sociedade na condição de mística, feiticeira, recatada, rezadeira, doméstica, benzedeira, mãe, aleitadeira, depravada ou religiosa é uma história que ainda nos diz muito e que precisa ser melhor resgatada para ter a devida valorização. Desvendar tais meandros é tarefa em geral de todas as ciências humanas que devem ainda mais

42 OLIVEIRA, Lilian Sarat de. Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX: nos caminhos da civilização. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Oliveira3.pdf>. Acesso em 25 Mar. 2014. p. 2.

43 Idem, p. 3.

44 Ibidem.

45 Idem, p. 4.

se debruçar sobre tal fenômeno de modo a desvendar esse ser que ora existe ora inexistente socialmente.

REFERÊNCIAS

BAUBÉROT, J. *Da mulher protestante*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*, v.4. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. pp. 239-256.

BUARQUE, C. *Mulheres de Atenas. Música*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/chico-buarque/45150/>>. Acesso em: 03 Jun 2014.

DALARUN, J. *Olhares de clérigos*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*, v.2. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. pp. 29-64

FRAISSE, G. *Corpo e corações*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*, v.4. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. pp. 351-503.

JESUS, S. A. M. de. *A mulher e a história: um papel desigual*. Disponível em: <http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/documentos/ensaio_03.pdf>. Acesso em: 15 Set de 2013.

KHOURY, Y. A. *Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na História*, em IDEM (org.). *Muitas Memórias, outras Histórias*, São Paulo: Olho d'Água, 2004, p.117

LOURAUX, N. *O que é a deusa?* In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*, v.1. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. Pp. 31-126.

MACEDO, J. R. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1999.

MICHAUD, S. *Idolatrias: representações atísticas e literárias*. In: DUBY, Georges; PERROT, GIORGIO, Michela de. *O modelo católico*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Org.). *História das mulheres no Ocidente História das mulheres no Ocidente História das mulheres no Ocidente História das mulheres no Ocidente História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 199-238.

MICHELLE, T. *História das mulheres no Ocidente*, v.4. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. pp. 145-170.

OLIVEIRA, L. S de. *Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX: nos caminhos da civilização*. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Oliveira3.pdf>. Acesso em 25 Mar. 2014.

PEDRO, J. M. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*, História (São Paulo), UNESP, vol. 24, n. 1, 2005.

PERROT, M. *O modelo católico*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente, v.4. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. pp. 199-238.

SCHEID, J. *Os papéis das mulheres em Roma*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*, v.1. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. pp. 465-492.

SISSA, G. *Filosofias de gênero: Platão, Aristóteles e as diferenças de sexo*. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*, v.1. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990. pp. 79-126.

TILLY, L. A. *Gênero, História das Mulheres e História Social*, in Cadernos Pagu, n. 3, Campinas, 1994, pp. 29-62.

VERNANT, J. P. *As Origens do Pensamento Grego*. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro. Difel. 2002.

ZAIDMAN, L. B. *As filhas de Pandora mulheres e ritual*. In DUBY, Georg; PERROT, Michelle (org). *A história das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990. p.412-462.